

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA: TRÊS VISÕES E UMA ANÁLISE

Cesar Augusto da Rocha Santiago Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procópio
cesar-nf2011@hotmail.com

Fernando Paulino de Cerqueira Netto
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procópio
fer_netto123@hotmail.com

Luiz Otávio Fernandes
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procópio
otavioluiz22@gmail.com

Profa. Dra. Mirian Maria Andrade Gonçalves
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procópio
andrade.mirian@gmail.com

Resumo:

Este texto se refere a um trabalho de pesquisa desenvolvido e apresentado na disciplina “Metodologia e Prática de Ensino de Matemática na Educação Básica 2” do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Cornélio Procópio (UTFPR-CP) e teve por objetivo estudar o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura em Matemática a partir de entrevistas com sujeitos personagens deste processo. Inspirados na metodologia de História Oral foram disparadas três entrevistas temáticas: com um professor que orienta estágio na UTFPR-CP, com um professor da Educação Básica que recebe estagiário em suas aulas, e um aluno que cursa a disciplina de estágio na Licenciatura em Matemática da UTFPR-CP. Seguindo alguns dos procedimentos da entrevista em História Oral (elaboração do roteiro, contato com os colaboradores, envio prévio de roteiro, gravação das entrevistas, transcrição das entrevistas, textualização das entrevistas, carta de cessão de direitos) analisamos os pontos convergentes e divergentes do processo de estágio na formação de professores de matemática, a partir do que nos revelaram os entrevistados.

Palavras-chave: Licenciatura em Matemática. Estágio Supervisionado. História Oral.

Introdução

Esse texto tem como objetivo apresentar um trabalho, e a análise dele, realizado na disciplina de Metodologia e Prática de Ensino de Matemática para a Educação Básica 2¹, do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Cornélio Procópio.

¹Durante este texto, para fazer referência a essa disciplina, simplificaremos o nome e usaremos apenas disciplina de Metodologia e Prática.

Esta disciplina é obrigatória para os alunos regularmente matriculados no quinto período do curso, mesmo período em que os licenciandos têm a primeira disciplina de estágio supervisionado, também como obrigatória, na grade curricular. Há na ementa da disciplina de Metodologia e Prática a indicação de desenvolver uma atividade relacionando os estágios supervisionados. Este ponto da ementa é sempre conversado e discutido pelos professores que ministram essa disciplina e novas propostas são sempre realizadas.

No segundo semestre letivo de 2016 foi proposto, pela então professora desta disciplina, a realização de um trabalho para ouvir diferentes vozes de sujeitos envolvidos nas disciplinas de estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Matemática e que, a partir dessas vozes, elaborassem uma análise. A intenção desta atividade era gerar uma pesquisa sobre o movimento do estágio supervisionado dentro do curso de Licenciatura em Matemática que não se pautasse apenas no que é disparado pela literatura. Era interesse olhar para o modo como esses sujeitos vivenciam e/ou vivenciaram esse processo estando em diferentes posições e olhando por diferentes ângulos. Então, os alunos da disciplina foram convidados a realizar alguns momentos de entrevista: uma entrevista com um docente do ensino superior que ministra ou tenha ministrado a disciplina de estágio supervisionado, uma entrevista com um professor do Ensino Médio, da escola de educação básica, que já tivesse supervisionado estagiário do curso de licenciatura em matemática em suas aulas, e uma entrevista com um aluno da disciplina de estágio supervisionado, totalizando, portanto, três entrevistas por grupo.

Posto nosso desejo e nossa intenção de comunicar sobre este nosso trabalho e seus resultados, consideramos importante tratar sobre estágio supervisionado e a aproximação metodológica que disparou esse trabalho.

Sobre Estágios Supervisionados nos cursos de Licenciatura: um olhar para a literatura

A literatura nos permite compreender que em cursos de licenciatura a disciplina de estágio supervisionado busca tratar das questões teóricas e práticas (observação e/ou oficinas com alunos nas escolas públicas ou particulares, regências). Carneiro (2009) observa, em sua pesquisa de mestrado, que os cursos de licenciatura em matemática geralmente apresentam um grande número de disciplinas de cunho matemático, uma parcela restrita de disciplinas de cunho pedagógico e um pequeno número de disciplinas que integram teoria e prática (em alguns casos se reduz às disciplinas de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino).

Isso nos possibilita entender a relevância do trabalho dos professores que lecionam as disciplinas relacionadas ao estágio supervisionado. Cabe a esses professores de professores propiciar a seus alunos situações em que eles possam experienciar sua profissão e pensar continuamente em sua formação. O processo de constituição de professores, de aprender e ensinar requer dedicação e empenho, passagem por experiências e tempo para amadurecimento de uma prática reflexiva. Para situar o que entendemos por experiência recorremos as ideias de Larossa (2002), quando afirma que experiência não está relacionada com o tempo de trabalho. Segundo esse autor, para que ocorra a experiência é preciso que algo nos ocorra, nos aconteça e devemos dedicar tempo para isso. Essa cultura, segundo Carneiro (2009) deve ser cultivada na formação inicial.

Para Perez (2004) o processo de aprender a ensinar e de aprender a profissão, ou seja, de aprender a ser professor, e aprender o trabalho docente, são processos de longa duração e que não possui um estágio final estabelecido a priori. Para Paulo Freire “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira, às quatro horas da tarde”. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p.58). De acordo com Fiorentini e Castro (2003), o movimento de formação do professor não é isolado do restante da vida. Ao contrário, está imerso nas práticas sociais e culturais.

No que diz respeito a articulação entre a teoria e a prática na formação do professor de Matemática, Cochran-Smith e Lytle (1999) sugerem que a aprendizagem do professor está relacionada aos diversos modos de ver o conhecimento, e com ele, a prática dos professores. Ressaltam que existem três diferentes concepções, sendo elas: aprendizagem como “conhecimento *para* prática”, o “conhecimento *da* prática” e o “conhecimento *na* prática”. O “conhecimento *para* a prática” é entendido como aquele necessário para a prática docente do futuro professor. É produzido por pesquisadores no nível universitário que disseminam os conhecimentos que julgam imprescindíveis para a atuação dos professores no ambiente da sala de aula. “Conhecimento *da* prática” pode ser entendido como um conhecimento que leva tanto em conta a teoria produzida pelos pesquisadores, como a prática desenvolvida pelo professor na escola. O terceiro, “conhecimento *na* prática”, é essencial ao ensino e é conhecido como conhecimento prático, ou os conhecimentos que estão imbuídos em suas práticas ou na reflexão que fazem delas.

Assim, torna-se parte da responsabilidade da disciplina de estágio supervisionado a preocupação em formar professores que pensem, investiguem, reflitam e transformem suas

práticas constantemente. Essa não é uma mera tarefa, principalmente para futuros professores e professores em início de carreira. Tal tarefa requer um esforço por parte dos professores de professores, dos próprios discentes e ainda uma disposição em lutar contra as amarras institucionais.

A disciplina de estágio supervisionado, quando é dessa forma conduzida, pode auxiliar na diminuição dos casos de professores que se decepcionam com a profissão em início de carreira e já não têm onde discutir suas angústias - diferentemente das regências onde o futuro professor pode conversar com seus orientadores - o que muitas vezes resulta na desistência da docência. Outro fator que pode influenciar de forma negativa na atuação pedagógica do indivíduo é o que Perez Gomes (2001) denomina de isolamento profissional. Esse autor fala do isolamento do professor, do seu recolher a sua sala de aula e não efetuar a prática de partilha com seus demais colegas profissionais da área (o que auxilia na reflexão sobre a ação segundo as ideias de reflexão-na-ação e reflexão sobre a ação de Schon (1995)). Reflexão compartilhada traz reflexões sobre a própria prática.

Assim, é importante que o professor de professores conheça a realidade que seus alunos estagiários enfrentam quando estagiam em escolas de educação básica e possam com eles discutir e refletir sobre as dificuldades que se constituem uma realidade das escolas. É necessário que o futuro professor conheça essa realidade antes de se tornar de fato um professor em exercício da carreira, para que não tenha a ingênua ideia de que a sala de aula perfeita existe. Torna-se muito importante a discussão, ainda durante o curso de licenciatura, sobre as relações entre teoria e prática pedagógica. A colaboração é uma fonte poderosa de aprendizagem profissional. Hargreaves (1998) afirma que a colaboração aumenta as oportunidades dos professores aprenderem com os outros em nível de sala de aula.

Em entrevista concedida a Carneiro (2009) uma professora de estágio (denominada D durante o texto da dissertação), que leciona a algum tempo na Universidade Estadual de Campinas, fez algumas considerações em relação ao seu trabalho. Disse que estrutura a disciplina com um objetivo principal: transformar o aluno em investigador da prática pedagógica em matemática. Esse objetivo maior está dividido em sub-objetivos: conhecer o cotidiano da escola tendo como referência básica as aulas de matemática, analisar e refletir sobre a prática pedagógica do professor que está acolhendo, analisar e refletir sobre a própria prática, dar conta de planejar intervenção de ensino que seja relativa a algum conteúdo do ensino fundamental ou médio (com começo, meio e fim) depois avalie este conteúdo. O estágio supervisionado deve, então, ser conduzido de forma cautelosa e oportunizar aos futuros

professores de matemática a experiência da profissão. Configura-se, ainda, como momento fundamental na formação e desenvolvimento profissional do professor e, portanto, não pode ser visto como mera instância de treinamento ou aplicação prática de modelos apreendidos previamente.

Metodologia: a história oral em sala de aula

A metodologia utilizada, pela professora da turma, para a realização desta atividade teve aproximações com a História Oral, de acordo com Santhiago e Magalhães (2015), quando tratam do trabalho com História Oral em sala de aula. Os alunos da disciplina fizeram a leitura de um texto sobre a metodologia, para entender o que estava sendo proposto pela professora, mas não aprofundaram as discussões porque não era esse o objetivo naquele momento.

Nesta atividade a história oral foi pensada como ferramenta de ensino que, de acordo com Santhiago e Magalhães (2015), “diversifica caminhos em direção ao conhecimento, porque valoriza a autonomia do aluno e proporciona um aprendizado ativo, participativo e colaborativo. Ela permite que o aluno não seja apenas um receptáculo de dados – e que passe para a condição de sujeito ativo, criativo, do conhecimento” (p. 10).

O tema da pesquisa/atividade era: o estágio supervisionado no curso de licenciatura em matemática. O trabalho foi realizado em grupos. Cada grupo escolheu três sujeitos para entrevistar: um professor do ensino superior que estivesse ministrando ou tivesse ministrado a disciplina de estágio, um professor da escola básica que já tivesse recebido, em suas aulas de matemática, estagiários e um aluno do curso de licenciatura em matemática que estivesse cursando o estágio². Como havia um tema disparador da entrevista, podemos afirmar que os alunos desenvolveram o que Santhiago e Magalhães (2015) chamam de entrevista temática.

Os grupos elaboraram colaborativamente, os roteiros das entrevistas. Escolheram os colaboradores e agendaram as entrevistas com envio prévio do roteiro. As entrevistas foram transcritas e textualizadas. Os colaboradores assinaram as cartas de cessão para que os alunos

²O curso de Licenciatura em Matemática da UTFPR/CP possui, em sua grade curricular, quatro disciplinas de estágio supervisionado, denominadas de estágio supervisionado A (estágio para observação), estágio supervisionado B (desenvolvimento de observação e oficinas), estágio supervisionado C (observação e regência no Ensino Fundamental) e estágio supervisionado D (observação e regência no Ensino Médio). Essas disciplinas acontecem a partir do quinto período do curso. Para a entrevista os alunos deveriam escolher um aluno que estivesse matriculado na disciplina de estágio supervisionado C ou D e que, portanto, já teria uma vivência do estágio para comunicar.

podessem usar o material gerado a partir das textualizações das entrevistas. Seguiram, portanto, os procedimentos indicados quando se devolve um trabalho em que se mobiliza a História Oral.

O roteiro das entrevistas foi desenvolvido de acordo com cada sujeito que seria entrevistado, tocando em pontos que interessavam ao grupo. A seguir, apresenta-se o roteiro que foi seguido, de acordo com cada entrevistado.

Professor da escola básica:

- 1- Quais as semelhanças e diferenças do estágio que vivenciou como aluno na graduação para com os estágios que você supervisiona?
- 2- O comportamento dos alunos é diferente com a presença de um estagiário em sala de aula? Se sim, quais são essas diferenças?
- 3- Normalmente, os estagiários apresentam-se nervosos para suas primeiras regências e o senhor tem certo nível de contato com eles. O que o senhor costuma aconselhar/recomendar para estes quando estão na situação descrita? Ainda, nota alguma diferença após as recomendações dadas?
- 4- Como um aluno de estágio contribui para a aula?
- 5- O que você observa durante a regência dos estagiários?
- 6- Algo que queira acrescentar?

Estagiário:

- 1- O que você esperava das disciplinas de estágio?
- 2- Qual a importância desse processo na sua formação profissional e pessoal (crescimento como pessoa)?
- 3- Sobre o processo de estágio. O que você alteraria/melhoraria? Por quê?
- 4- Qual a maior dificuldade que você encontra em sala de aula como estagiário?
- 5- Como os alunos se comportam durante sua regência?
- 6- Como você é recebido pela equipe escolar como estagiário?
- 7- Algo que queira acrescentar?

Professor do ensino superior:

- 1- Qual a diferença entre os planejamentos da disciplina de estágio para uma disciplina “comum”?
- 2- Quais as semelhanças e diferenças do estágio que vivenciou como aluno na graduação para com os estágios que você supervisiona?

- 3- Os alunos, normalmente, têm uma melhora da primeira até a última regência. Nesse processo de “amadurecimento” do aluno nas regências, quais características (postura, vocabulário, etc) são aprimoradas? Além disso, qual o papel do professor que supervisiona os estagiários nesse processo?
- 4- Qual a diferença entre o estágio das Licenciaturas com relação aos de outros cursos?
- 5- Algo que queira acrescentar?

Em seguida, como análise desse material, os alunos procederam com a escrita de uma narrativa sobre o estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Matemática, a partir das narrativas dos três sujeitos entrevistados.

Uma análise das entrevistas: o olhar de um grupo para um conjunto de textualizações³

Para proceder com a análise, o grupo optou por dispará-las individualmente. Cada textualização gerou o que foi chamado de “a análise da entrevista de ...”. Após esse exercício analítico, o grupo se propôs a tecer uma análise geral, olhando para as possíveis convergências e divergências dessas vozes sobre a temática “estágio supervisionado no curso de licenciatura em Matemática”.

O professor supervisor de estágio (professor da Escola Básica) acostumado a receber estagiários em suas aulas reporta na entrevista que não observa relevantes mudanças no modelo de estágio atual quando comparado àquele que vivenciou enquanto estudante, resposta que nos deixa um tanto quanto surpresos considerando a quantidade de tempo entre as ocasiões comparadas pelo professor. Entendemos que não há a pretensão de afirmar que o método é falho ou errado, mas considerando que não existe uma fórmula perfeita para seguir ao pé da letra. A surpresa se deu na ausência de mudanças, adequações e melhoramentos no estágio dos discentes dos cursos de Licenciatura em matemática, na visão deste professor. Além disso, segundo o professor, a presença do estagiário em sala de aula pode interferir positiva e negativamente no andamento das aulas, variando muito de sua postura diante da turma, a maneira com que domina o conteúdo nos estágios de regência e passa a informação aos demais. Após acompanhamento em sala (estágio de observação) o estagiário ministra algumas aulas, com um grande grau de responsabilidade perante o conteúdo e o cronograma do professor,

³Escolhemos não apresentar as textualizações das entrevistas neste texto, visto que elas são extensas e ocupariam um espaço que excede o destinado para a escrita deste trabalho. Apresentaremos, portanto, a análise realizada a partir dessas textualizações.

algumas vezes o estagiário deixa a desejar e acaba por de certa forma prejudicando os alunos, sendo esta uma das maiores preocupações do professor que também sugere uma maior participação da universidade juntamente com a escola que recebe estagiários.

De acordo com a professora orientadora de estágio, ocorreram várias mudanças desde o estágio enquanto era aluna de graduação ao de hoje, no qual ela orienta seus alunos. Outro ponto levantado é que a disciplina de estágio é orientada e ministrada em sala de aula, de modo que os alunos estagiários consigam fazer uma articulação de teoria e prática de maneira única, além de o professor ficar por dentro de todo o processo. Vale ressaltar uma crítica feita por ela, para o processo de estágio de quando era discente, período em que havia muitas fraudes de alunos, a fiscalização era menor, o que fazia com que muitas vezes alguns estagiários conseguissem assinaturas para as fichas de estágio sem sequer ter assistido uma aula.

Além disso, na visão da professora, planejar uma disciplina de estágio é, a todo o momento, tentar fazer uma relação com a sala de aula, uma relação que é teórico-prática, não é só teórico e não é só prático; é uma relação que objetiva preparar para o aluno para a regência. Depois que ele fez aquele período de regência, é o momento de você retomar os elementos que ele traz, as vivências que ele teve e fazer um feedback daquelas coisas, fazer todo um estudo daqueles elementos trazidos da realidade escolar que ele vivenciou.

Ainda, segundo a professora orientadora do estágio, nota-se que as características dos alunos sofrem muitas alterações, como a postura. Assistindo os microensinos (atividade de miniaula desenvolvida com os alunos da disciplina de estágio A) é possível perceber que os alunos têm uma postura, uma escrita de lousa e até o vocabulário “cru”. Quando o aluno é avaliado no Estágio D, que é o último estágio cursado neste curso desta universidade, este já está amadurecido, com um vocabulário diferente, desprendimento maior de vícios de postura, sem contar o aspecto metodológico. Além disso, quando o aluno estagiário está preparando as suas primeiras regências, surgem certas dificuldades, receio de usar metodologias diferenciadas, então ele tenta usar aquilo que viu enquanto aluno da educação básica, voltando-se mais para a metodologia tradicional de ensino de matemática.

Com relação à entrevista realizada com o aluno estagiário, uma das coisas que mais chamou a atenção foi a propriedade que ele demonstra ter sobre o assunto. Sua experiência em escolas por meio primeiramente do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e, posteriormente, nos estágios faz com que ele tenha suas convicções sobre todo esse processo. O momento em que é questionado sobre as mudanças que este faria no processo de estágio, percebeu-se certo receio, tendo em vista não o conhecer tanto para saber sua

resposta. Porém, o aluno demonstrou que, de fato, o processo atual de como acontecem os estágios talvez não sejam o melhor para a escola que recebe estagiários. Ele afirma que para o aluno o processo é proveitoso e objetivo, mas que se deve pensar também no bem de quem recebe o estagiário. Além disso, outro ponto que vale ressaltar é com relação à recepção da equipe escolar para com ele. Conforme seu relato, sempre que chega em uma escola para solicitar estágio é bem recebido pela equipe escolar como um todo, porém nem sempre é bem quisto pelo professor. Essa ideia de que estagiário está lá para observar/julgar o professor gera um desconforto na relação entre estagiário e professor, de modo que as relações fiquem conturbadas em algumas situações. Ainda, a discussão sobre o crescimento pessoal e profissional só ressaltou a importância desse processo para sua vida. Além disso, se essa construção for feita de modo que todos que participem do processo contribuam seria mais proveitoso. Outro ponto levantado pelo entrevistado é a sinceridade dos alunos. De fato, isso ajuda muito em qualquer situação na vida de alguma pessoa, ainda mais na formação de um professor. Por fim, ficaram claras as opiniões do discente com relação aos assuntos citados nas questões, de modo que este compartilhou suas opiniões sempre de maneira construtiva e objetiva.

Dos vários pontos em que as entrevistas convergem, vale ressaltar as experiências dos três entrevistados. Apesar de os professores terem opiniões distintas sobre o processo de estágio de quando estes eram alunos para agora, ainda é válida a comparação. Além disso, as abordagens quanto à participação e atuação dos alunos/estagiários nas atividades das escolas que recebem estagiários também foi divergente, tendo em vista que para o professor que recebe estagiário e para o estagiário, a maneira como é executado esse projeto não tem gerado bons frutos nas escolas, porém, sendo unânime, é inegável que esse processo como está agora é muito favorável ao estagiário. Além do mais, outro ponto unânime é com relação às regências no decorrer do tempo. Os professores afirmaram utilizar-se das mesmas recomendações para com os estagiários com relação a postura, tom de voz e a maneira de lidar com os alunos. Ainda, o discente afirma que após a primeira experiência de regência, os professores mostram para o aluno quais pontos foram adequados e em quais eles precisam melhorar. Porém, ele também afirma que é com o tempo que vai se aprendendo, mas que as recomendações têm o seu valor. Os professores que orientam algum tipo de Estágio têm a responsabilidade de planejar, observar, orientar e conduzir os alunos, para que estes possam ter um amadurecimento e possam desenvolver habilidades e competências necessárias à prática docente. Cabe ao aluno de estágio,

a reflexão de seus atos e percepção desse teórico-prático, ou seja, unir o conhecimento matemático adquirido no curso para transferi-lo para sala de aula.

Outro ponto que se pode ressaltar é a sinceridade de todas as partes do processo de estágio. O estagiário afirma que muitas vezes se deparou com a sinceridade dos alunos com relação a sua regência, de modo que estes não aprovavam sua maneira de abordagem ou então estavam desinteressados em aprender determinado conteúdo. Ainda nesse tema, é de total importância a sinceridade dos professores que participam deste processo, de modo que suas críticas e sugestões sejam construtivas e, ainda, que fiquem claras suas intenções neste processo.

Considerações

Ouvir três diferentes vozes que estão em diferentes posições, a respeito da atividade de estágio como uma preparação para a docência, fez-se fundamental para criarmos um significado com relação ao Estágio Supervisionado na formação de professores, tendo em vista que a disciplina de Metodologia e Prática acontece de forma paralela ao estágio supervisionado A. A experiência de formular as perguntas para o professor que já recebeu um aluno de estágio, para uma professora que orienta uma disciplina de estágio supervisionado e um estagiando, nos proporcionou uma reflexão de como todo esse processo acontece em diferentes instâncias, inicialmente, mas que se ligam e se completam. É notório que o estágio tem suma importância na formação de um discente à docência e também como essa atividade faz com que o aluno adquira experiência, reflita sobre suas ações e busque superar os desafios e dificuldades encontrados em sala de aula, para que se possa melhorar seu papel como professor prezando pelo aprendizado do aluno. Em contrapartida, a forma como o estágio é desempenhado perdura por algum tempo, mas há controvérsias quanto a esse assunto. Uma última questão a ressaltar é que, conforme a postura do estagiando em suas regências, se este não estiver bem preparado, pode acontecer que ele não seja efetivo, fazendo com que os alunos não tenham uma aprendizagem significativa. Desse fato, podemos tomar como dica para que isso não aconteça em nossas regências futuras, conversando com professores supervisores e orientadores.

A importância deste trabalho para cada um dos personagens do grupo se deu de forma diferente, pois eles possuíam experiências distintas. Um dos integrantes já atuava como professor em uma instituição pública, contratado pelo PSS (Processo Seletivo Simplificado); em vista disso e de sua vivência em sala de aula, também como aluno bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa Iniciação a Docência), no processo deste trabalho ele se deu

conta do quanto tinha sido importante essa sua experiência como professor, mesmo antes de começar a disciplina de estágio. Dessa forma o trabalho contribuiu para que ele pudesse refletir melhor sobre as aulas que ministrava, buscando se tornar um profissional melhor ao ver as diversas opiniões, de um aluno de estágio, um professor que recebe estágio e um professor que orienta o estágio. Para ele, essa atividade fez com que modificasse sua postura em sala de aula. Já outro participante do grupo, nunca havia atuado como docente, em contrapartida, cursava a disciplina de Estágio Supervisionado A, caracterizado pelas observações em sala de aula. Assim, a pesquisa tornou-se para ele preparatória para as futuras regências, tendo em vista que já se sabe quais são as opiniões dos professores (supervisor e orientador) a respeito dessa atividade. Além disso, o terceiro integrante do grupo não cursava nenhuma disciplina de estágio e nem atuava como docente, fazendo com que esta experiência de entrevistas, com diferentes vertentes de um mesmo processo, enriquecesse seu conhecimento e o ajudasse para que este possa desempenhar seu papel, nas disciplinas de estágio, melhor preparado para as diversas situações que podem vir a ocorrer.

Referências

CARNEIRO, M. G. S. **As possíveis influências das experiências da prática na cultura docente dos futuros professores de matemática**. 2009. 273f.. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Rio Claro - SP.

COCHRAN-SMITH, M.; LYTLE, S. L. Relationships of knowledge of practice: teacher learning in communities. **Review of Research in Education**, n. 24, p.249-305, 1999.

FIorentini, D.; CASTRO, F.C. Tornando-se professor de matemática: o caso de Allan em prática de ensino e estágio supervisionado. In: FIORENTINI, D. (Org.) **Formação de professores de matemática: explorando novos caminhos com outros olhares**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p.121-156.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HARGREAVES, A. Teaching as a paradoxal profession. In: **ICET – 46 World Assembly: Teache Education** (CD-Rom), Santiago, Chile, 2001. Tradução: Rosana Giaretta Sguerra Miskulin e Maria Teresa M. Freitas.

LAROSSA, J. Notas sobre a Experiência e o saber de Experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan-abr 2002.

PEREZ GOMES, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.



PEREZ, G. Prática reflexiva do professor de matemática. In: BICUDO, M. A.V.; BORBA, M. de C. (Org.) **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 250-263.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. **História Oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015 (Coleção Práticas Docentes).